



Resultado de pesquisa de intenção de votos, na qual Bolsonaro diminui a distância para Lula, já pode ser efeito da PEC kamikaze

Benefícios se refletem na corrida eleitoral

» RAPHAEL FELICE

A aprovação do pacote de benefícios trouxe, aparentemente, o efeito esperado pelo entorno de Jair Bolsonaro (PL). Isso porque a distância entre ele e o candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que lidera as intenções de voto na corrida ao Palácio do Planalto, diminuiu segundo a pesquisa BTG/FSB. O resultado mostrou que o presidente teve queda na rejeição junto ao eleitorado e ainda reduziu a desvantagem para o petista.

Três semanas depois da aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que estabeleceu os benefícios para a população de baixa renda e categorias como caminhoneiros e taxistas, Bolsonaro subiu de 31% para 34%, enquanto Lula recuou de 44% para 41%. A diferença de sete pontos percentuais nessa simulação é a menor da série histórica da pesquisa BTG/FSB, iniciada em março.

Na simulação de segundo turno, Lula também perdeu 3% — agora tem 51% contra 39% de Bolsonaro, que subiu os

mesmos 3%. A sondagem aponta, ainda, que a redução da taxa de rejeição do governo caiu de 58% para 53%.

Com a chamada PEC kamikaze — apelido dado pela própria equipe econômica do governo devido ao impacto fiscal calculados em aproximadamente R\$ 41 bilhões —, o governo concedeu uma série de auxílios, apesar do ano eleitoral. Isso só foi possível porque conseguiu-se alterar a Constituição para, mais uma vez, decretar Estado de Emergência, com o qual foi possível justificar os gastos com os benefícios.

Entre as medidas estão a ampliação do Auxílio Brasil — foi de R\$ 400 para R\$ 600 e começa a ser pago hoje — e do vale-gás — pulou de R\$ 50 para R\$ 110. A PEC também implementou um benefício de R\$ 1 mil para todos os caminhoneiros cadastrados no Registro Nacional de Transportadores de Cargas (RNTRC) e para taxistas, com objetivo de amenizar o impacto com os seguidos aumentos dos preços dos combustíveis realizados pela Petrobras. Oposição e especialistas analisam as medidas como eleitoreiras, por terem validade apenas



O aumento no número de beneficiários do Auxílio Brasil em relação ao programa da gestão anterior, e o aumento do pagamento mínimo contribuem para a queda da extrema pobreza no país

Senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), exultante com os efeitos do pacote de bondades do governo

até o 31 de dezembro deste ano.

Outro aspecto importante na estratégia do governo é a redução do preço da gasolina. Em 23 de junho, o Congresso aprovou um Projeto de Lei Complementar que determina teto entre 17% e 18% para o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) incidente sobre combustíveis, energia elétrica, comunicações, gás natural e transporte coletivo (PLP 18).

Com a melhora dos indicadores puxada aparentemente pelas últimas medidas, Bolsonaro e aliados buscam repercutir indicativos econômicos positivos ao governo. O discurso é de que o Brasil está crescendo “na contramão do mundo”.

“O aumento no número de beneficiários do Auxílio Brasil em relação ao programa da gestão anterior, e o aumento do pagamento mínimo contribuem para a queda da extrema pobreza no país! O Brasil segue na contramão do mundo, que vai registrar alta de 9,9%”, disse o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), ao comparar a média dos indicadores de extrema pobreza no Brasil com o cenário mundial.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Bolsonaro recupera expectativa de poder

A aprovação da PEC Emergencial e a redução do preço dos combustíveis alteraram o cenário eleitoral. Na pesquisa feita pelo Instituto FSB para o banco BTG Pactual, divulgada ontem, a diferença entre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que lidera a corrida presidencial, e o presidente Jair Bolsonaro (PL) caiu de 13 para sete pontos. O petista está com 41% das intenções de voto, enquanto Bolsonaro tem 34% no primeiro turno. Também se alterou a avaliação do governo, que era ruim ou péssima para 47% dos eleitores e, agora, está em 44%. Entre os que acham o governo Bolsonaro ótimo ou bom, o número subiu de 31% para 33%.

O ex-ministro Ciro Gomes (PDT) está com 7% dos votos; a ex-senadora Simone Tebet (MDB), com 3%; e André Janones (Avante), com 2%. José Maria Eymael (DC) e Pablo Marçal (Pros) têm 1% cada.

A pesquisa FSB/BTG Pactual explica o empenho de Lula para remover as candidaturas de Janones e Marçal para tentar atrair esse 3%. Mesmo assim, a simples soma de votos de Ciro e Simone inviabilizaria, hoje, uma vitória no primeiro turno. Vem daí as previsões baluartistas do Palácio do Planalto, explicitadas com clareza pelo ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira, na entrevista publicada pelo **Correio**, no domingo. O presidente do PP fez duas previsões audaciosas: de que Bolsonaro chegará à frente de Lula no primeiro turno e o Centrão elegerá 350 dos 513 deputados da Câmara.

Presidente do PP, Nogueira é a raposa política por trás da estratégia de reeleição de Bolsonaro, cujo eixo é a PEC Emergencial, que permitirá farta distribuição de recursos pelo governo, a menos de 60 dias das eleições, burlando os princípios da “paridade de condições” e de “neutralidade da máquina pública” contidos na atual legislação eleitoral. Suas previsões sobre o desempenho do presidente nas eleições se baseiam, principalmente, no impacto do Auxílio Brasil na população de baixa renda, que receberá do governo, neste mês de agosto, as duas primeiras parcelas de uma só vez, no valor total de R\$ 1,2 mil.

Os subsídios para caminhoneiros, taxistas e do vale gás também estão sendo pagos. São aproximadamente R\$ 41 bilhões em transferências de recursos para uma base eleitoral que está majoritariamente com Lula.

Outra previsão importante de Nogueira está diretamente relacionada às emendas parlamentares do chamado “orçamento secreto”, que devem somar R\$ 16 bilhões neste ano. Essas emendas favorecem a reeleição dos parlamentares do Centrão, sem que a opinião pública saiba sequer quanto é que cada um está recebendo realmente.

Pela projeção de Nogueira, serão eleitos 350 parlamentares governistas. Os deputados que estão manipulando esses recursos têm grande vantagem em relação aos concorrentes, inclusive dentro de seus próprios partidos.

Nas contas de Nogueira, o bloco de esquerda liderado por Lula elegeria 150 deputados. São projeções muito otimistas, mas que refletem a confiança no sistema de blindagem da base de apoio do governo montada pelo presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL). Obviamente, entram nessa contabilidade parlamentares que estão nos partidos de oposição e votam sistematicamente com o governo.

Agenda conservadora

Nos cálculos de Nogueira, a peça chave da governabilidade é a eleição de uma ampla maioria na Câmara, no primeiro turno. Em qualquer resultado, na avaliação do ministro, o próximo presidente eleito terá uma taxa de rejeição acima de 40% e precisará de uma base parlamentar sólida, no caso o Centrão.

Isso vale para Bolsonaro e dificultaria muito a vida de Lula no segundo turno, porque seu projeto político estaria em franca oposição à maioria parlamentar eleita. O candidato natural dos parlamentares do Centrão, mesmo no Nordeste, no segundo turno, será Bolsonaro. Não haveria mais adesão por conveniência eleitoral, pois os parlamentares já estarão eleitos. Vale destacar que isso também garantiria a reeleição de Lira na Câmara, o controle do Orçamento da União pelo Centrão e a aprovação de uma reforma constitucional ultra-conservadora.

É um cenário que restabelece a expectativa de poder de Bolsonaro, que havia se transferido para Lula, desde quando as pesquisas mostravam a possibilidade de o petista vencer no primeiro turno. Entretanto, como diria Mané Garrincha, é preciso antes combinar com o eleitor.

Até porque existe uma contradição entre a estratégia política traçada pelas raposas do Centrão e o modo como Bolsonaro faz campanha eleitoral, com uma narrativa ideológica de cunho messiânico, ultra-conservadora, com ataques à urna eletrônica, à Justiça Eleitoral e ao Supremo Tribunal Federal (STF), com impacto negativos na sociedade civil e até mesmo na alta burocracia federal. O próprio Nogueira reconhece que isso mina a reeleição de Bolsonaro.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Pelo sistema de “vaquinha” virtual, Guilherme Boulos já arrecadou quase R\$ 140 mil. Deltan Dallagnol foi mais bem sucedido: perto dos R\$ 230 mil

“Vaquinha” turбина campanhas

A praticamente uma semana do início oficial da campanha eleitoral, políticos regionais, novatos e figuras conhecidas no cenário nacional lideram o ranking dos políticos que mais arrecadaram em vaquinhas virtuais. Segundo dados pesquisados nas principais plataformas, a lista é encabeçada pelo pré-candidato a deputado federal Chiquinho Assis (Republicanos-MS), que já alcançou R\$ 344 mil desde maio.

O ex-procurador Deltan Dallagnol (Podemos-PR), da Operação Lava-Jato, é o segundo pré-candidato à Câmara dos Deputados mais bem-sucedido entre os que aderiram ao financiamento coletivo — R\$ 229 mil até agora. Os pré-candidatos do Novo a governos estaduais Paulo Ganime (RJ) e Vinícius Poit (SP) também estão arrecadando alto. Candidato a deputado federal, Guilherme Boulos (PsoL-SP) já arrecadou mais de R\$ 138 mil.

Segundo modelos de sites ofertados pelas plataformas, os pré-candidatos podem publicar vídeos, apresentar propostas e estipular valores mínimos para

as doações. Mas todas, sem exceção, aceitam Pix.

Sem taxas

O formato responde por até 85% das doações de acordo com a plataforma usada para o financiamento coletivo. Além das facilidades conhecidas do sistema para transferências e pagamentos comuns — acesso a qualquer hora e qualquer lugar —, a ferramenta como meio de doação ainda amplia o valor líquido repassado a partidos e pré-candidatos por não cobrar taxas, diferentemente do cartão de crédito e do boleto.

De olho no potencial de alcance do modelo, o PL, partido de Jair Bolsonaro, definiu o Pix como sistema exclusivo de arrecadação para a campanha de reeleição por meio de seu site. Em um vídeo divulgado pela legenda semana passada, o presidente pede recursos para que a sigla cresça cada vez mais. “Não interessa quanto você possa doar, mas que venha do coração para o bem do nosso Brasil”, diz.

Ao lado de sua imagem, aparece na tela um QRCode para doação imediata via Pix.

O formato pode render R\$ 4 a mais para o candidato por doação. Se o valor escolhido pelo apoiador for de R\$ 20, por exemplo, o repasse final será de R\$ 19,40. Com o boleto, esse valor seria de R\$ 15,40 e com o cartão, de R\$ 18,90. As diferenças são explicadas pelas taxas operacionais, financeiras e administrativas cobradas pelas plataformas autorizadas a oferecer o serviço virtual.

Permitido desde as eleições gerais de 2018, o instrumento se popularizou no Brasil com o aumento dos sites aptos a receber doações pela internet. Nestas eleições, antes mesmo do início da campanha, já são 18 as empresas com cadastro deferido pelo TSE e outras 18 as que aguardam a liberação do órgão. A expectativa dos operadores é que o Pix faça o sistema crescer mais nesta eleição ajudando a quebrar a resistência dos brasileiros à doação eleitoral.

» Chance para se tornar mesário

A convocação de mesários para trabalhar nas eleições 2022 já está em curso. Os convocados ou voluntários para a função são organizados pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e atuam no dia da eleição nos locais de votação, abrindo e fechando as seções, organizando as urnas e auxiliando os eleitores. Quem deseja trabalhar na função de auxiliar da eleição deve se voluntariar junto aos tribunais eleitorais regionais. Mas, para isso, é preciso acessar o site do TRE de cada unidade da Federação e procurar pela inscrição no processo de voluntariado. A pessoa pode, também, se apresentar ao cartório eleitoral em que está registrado e se oferecer para trabalhar no primeiro e no segundo turno das eleições — que serão nos dias 2 e 30 de outubro.

Ed Alves/CB/D.A Press

